



RELATÓRIO FINAL

SUSTENTÁVEL 2021 ABORDOU PRINCIPAIS DESAFIOS RUMO A UMA SOCIEDADE MAIS JUSTA

Programação discutiu temas fundamentais relativos à construção de um futuro mais igualitário e verde, bem como o papel do setor empresarial nessa missão

A 10ª edição do Congresso Sustentável, promovido pelo Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS) e parceiros, ocorreu de 28 a 30 de setembro e contou com 14 painéis, debatidos por 64 palestrantes. Pela primeira vez o evento foi realizado integralmente online e o acesso foi liberado a todos. A programação contribuiu para a reflexão acerca do papel do setor empresarial, bem como da sociedade como um todo, para se construir um mundo mais resiliente, justo e sustentável.

O congresso teve um público superior a 6.500 participantes e foi apoiado pelo meio empresarial, membros da academia, representantes do poder público, sociedade

civil e imprensa. O Sustentável 21 está na íntegra no [canal do Youtube do CEBDS](#), disponível também em [inglês](#).

“Pela primeira vez a humanidade convive com três graves crises que se retroalimentam: a crise sanitária, agravada pela desigualdade social, a emergência climática e a perda da biodiversidade. Esses riscos vêm impactando fortemente a agenda e o posicionamento das empresas e de investidores que têm reafirmado a necessidade de descarbonização das carteiras de ativos”, declarou Marina Grossi, presidente do CEBDS, na abertura do evento. Ela mostrou as metas que já estão em curso para que, em 2050, o Brasil alcance o patamar de carbono zero.



28 DE SETEMBRO - TERÇA-FEIRA

O primeiro painel trouxe o tema **“O setor empresarial brasileiro e a Amazônia – a convergência necessária”**. Participaram Flávio Dino, governador do Maranhão, João Paulo Ferreira, presidente da Natura e CEO da Natura & Co América Latina, Joanita Maestri Karoleski, presidente do Fundo JBS pela Amazônia, e Carlos Ayres Britto, professor e ex-ministro do Supremo Tribunal Federal. A mediação foi de Marina Grossi.

Em 2020, as instituições e empresas dos setores industrial, agrícola e de serviços reafirmaram, em comunicado, o compromisso público com a agenda do desenvolvimento sustentável. O painel abordou os avanços desde então e discutiu oportunidades para reforçar essa agenda com atores relevantes.

Flávio Dino destacou que há uma iniciativa conjunta dos governadores da Amazônia Legal para que o Fundo Amazônia, que tem previsão orçamentária de R\$ 2 bilhões de reais, e está sem movimentação há dois anos, seja retomado imediatamente.

Ayres Britto afirmou que a caminhada do Brasil rumo a ser um país mais sustentável está amparada totalmente pela Constituição Federal. O ex-ministro foi enfático ao dizer que os problemas do meio ambiente que vêm ocorrendo nos últimos dois anos poderiam enquadrar a União em crime de responsabilidade. Já João Paulo Ferreira alertou que empresas negligentes com suas emissões de carbono poderão ser consideradas incivilizadas dentro de pouco tempo.

O segundo painel, intitulado **“Amazônia - como financiar a floresta em pé”**, teve as participações, por meio de vídeos gravados, dos governadores: do Amazonas, Wilson Lima; do Pará, Helder Barbalho; e de Mato Grosso, Mauro Mendes. Eles mostraram avanços em seus estados, os maiores da região amazônica em extensão, na questão ambiental.

Mendes destacou que Mato Grosso alcançou, este ano, 62% de seu território preservado. “O bioma do estado se encontra como o de 500 anos atrás”, afirmou. Wilson Lima falou sobre o trabalho do estado em relação aos pequenos produtores e a intenção de “manter a floresta em pé”. “Para cada árvore que conseguimos manter em pé, haverá um indígena, um ribeirinho, deixando a linha da pobreza no Amazonas”, enfatizou. Já Helder Barbalho falou sobre o programa paraense Amazônia Agora, que conseguiu diminuir o desmatamento no Pará na ordem de 12%, no período de agosto de 2020 a junho de 2021.

Também participaram representantes dos bancos Itaú, Santander e Bradesco, que mostraram detalhes do Plano Amazônia, criado há um ano, para conter o desmatamento ilegal daquela região. Luciana Nicola, do Itaú, destacou a criação de um conselho consultor do banco, formado por sete especialistas na Amazônia.

Marcelo Pasquini, do Bradesco, disse que os especialistas envolvidos foram fundamentais para se entender a forma como os três bancos deveriam trabalhar e o que deveria ser priorizado. E Carolina Carvalho, do Santander, constatou que o projeto fez o grupo compreender que, mais do que financiar, os bancos podem exercer papel de apoiadores para grandes, médios e pequenos empresários.

A programação seguinte trouxe à pauta **“Como as empresas vêm contribuindo para as metas globais de biodiversidade (COP15)”**. Os palestrantes foram Deise DallaNora, diretora de Food Solutions Innovation na Yara Brasil, Markus Lehmann, diretor da Divisão Científica, Sociedade e Futuros Sustentáveis da Convenção sobre Diversidade Biológica, e Mirim Ju Yan Guarany, coordenador do Conselho Indígena do Distrito Federal. A moderação foi de Braulio Dias, professor da Universidade de Brasília (UnB).

Markus Lehmann reforçou que as atividades econômicas são, em muitos aspectos, a causa de nossos desafios em termos de biodiversidade, poluição, aquecimento, etc. Nesse contexto, o setor empresarial tem papel fundamental na busca de soluções para as questões ambientais. “Engajar as empresas é importante, e hoje elas podem fazer muita coisa, como utilizar tecnologias mais verdes, adaptar operações e práticas empresariais”, pontuou.

Deise DallaNora falou sobre uma nova economia circular que se apoia em ciência e tecnologia, de forma colaborativa, buscando um novo modelo de produção. Ela também apontou o estabelecimento de métricas dos impactos como um dos grandes desafios hoje. Assim, iniciativas para mensuração e monetização são fundamentais para contribuir com os esforços globais de mitigação dos impactos, bem como aumentar a transparência das ações de gestão.

Mirim Ju Yan Guarany destacou a dificuldade dos povos indígenas em serem ouvidos e a necessidade de uma mudança de paradigma no olhar para terra, que ainda é muito vista como objeto a ser explorado. “É preciso enxergar que destruir o mundo é destruir a si mesmo”, disse ele.

“A Amazônia salva o Acordo de Paris?” foi o tema do painel seguinte. Izabella Teixeira, ex-ministra do Meio Ambiente, foi a mediadora. Os palestrantes foram Andre Clark, general manager da Siemens Energy Brasil Ltda, Ane Alencar, diretora de Ciência do Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (IPAM), Luiz Eloy Terena, coordenador da Assessoria Jurídica da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib) e Marcello Brito, presidente da Associação Brasileira do Agronegócio (ABAG).

Ane Alencar disse que o Brasil está vivendo em “emergência crônica”, principalmente nos três últimos anos, o que trouxe um aumento de 79% de desmatamento em relação aos anos de 2017 e 2018. Ela chamou atenção para áreas da Amazônia onde o desmatamento é altamente mecanizado. “Sobrevoei uma área de Lábrea, no sul do Amazonas, e percebemos uma nova fronteira agrícola, que traz também exploração madeireira apoiada por quadrilhas e crime organizado. Não podemos avançar em

uma agenda positiva, sem resolver a negativa”, concluiu.

Ainda nesse tema, André Clark citou um texto da revista Piauí, de 2019: “o maior prejudicado no cenário de destruição da Amazônia é, antes de todo o mundo, o Brasil”, deixando uma reflexão a todos.

Encerrando o dia, o assunto foi **“Call to action: a colaboração necessária para combater desmatamento ilegal”**, e teve a participação de Adnan Demachki, advogado paraense e ex-prefeito de Paragominas (região nordeste do Pará), Juliana de Lavor Lopes, diretora de ESG, Comunicação e Compliance da AMAGGI, Mariano Cenamo, diretor de Novos Negócios do IDESAM e CEO-AMAZ, e Rafael Rocha, procurador da República do Ministério Público Federal. O painel ocorreu sob moderação de Ana Toni, diretora executiva do Instituto Clima e Sociedade.

Demachki utilizou o exemplo da prefeitura que geriu por oito anos, onde conseguiu

tirar o município da temível “Lista Negra do Desmatamento” do Ministério do Meio Ambiente, à época, transformando-o em um exemplo, em nível nacional, que deu início, no Pará e no Brasil, ao programa Municípios Verdes. Ele também disse desconhecer qualquer planejamento nacional voltado para a Amazônia. “Qual o projeto do Governo Federal para a Amazônia? O que sempre tivemos foram ações pontuais. Precisamos de um projeto maior em nível central”, alertou.

“Eu não tenho dúvidas de que qualquer arranjo que busque conciliar conservação e desenvolvimento econômico da Amazônia tenha grande potencial de atrair investimentos. E, por outro lado, enquanto seguirmos com altas taxas de desmatamento, seguiremos com alto potencial de repelir investimentos”, ponderou Mariano Cenamo, reforçando a ideia de que desenvolvimento econômico e sustentabilidade devem ser aliados.



29 DE SETEMBRO - QUARTA-FEIRA

Segundo dia: sistemas alimentares, clima e saúde dos oceanos foram temas nos painéis

O primeiro painel versou sobre **“Visão 2050: nova agenda para empresas e sociedade”**, com as participações de Ana Cristina Cupelo, da empresa do ramo de petróleo Equinor Brasil, Diane Holdorf, diretora executiva do programa Food & Nature (WBCSD), e Karin Formigoni, diretora geral Brasil da Arcadis. A moderação foi de Adriana Leles, Stakeholder Council GRI/Amsterdam.

Diane Holdorf destacou que o Brasil que muito a contribuir no tema, uma vez que está se tornando um dos melhores players dos Sistemas Alimentares no mundo. Ela ainda apontou a necessidade de que haja uma visão

compartilhada do futuro. “Deveremos ter uma ação, com desafios para emergências da natureza ajustadas com as necessidades da sociedade. Os imperativos devem ser adaptados para o mundo de negócios”, disse.

O CEBDS, em parceria com o WBCSD, revisitou, no início de 2021, o programa “Visão Brasil”, que tem a proposta de apresentar uma perspectiva de desenvolvimento sustentável e o caminho possível para alcançá-lo. A revisão contou com uma ampla consulta que movimentou cerca de 4 mil stakeholders de vários setores, no Brasil e no exterior.

Karin falou sobre a importância da população também se mobilizar para reduzir impactos. “O cidadão vem se engajando cada vez mais e

já percebe que pode fazer escolhas e que tem um poder de transformação. Ele pode optar por produtos com selo verde, por exemplo. É fundamental gerar a consciência do impacto ambiental e social para que haja mudança de comportamento traduzida nas opções individuais de consumo”, concluiu Karin.

O tema do segundo painel foi **“Ambição climática no Brasil”**, com Joaquim Levy, diretor de Estratégia Econômica e Relações com Mercados do banco Safra, Natália Renteria, gerente técnica de Clima e Finanças Climáticas do CEBDS, Sophie Punte, diretora executiva de política (We Mean Business Coalition), e Tânia Cosentino, presidente da Microsoft Brasil, sob a moderação de Luana Maia, diretora de Operações e Planejamento Estratégico do CEBDS.

“A campanha Race to Zero, tem o objetivo de zerar as emissões líquidas de gases de efeito estufa até 2050”, explicou Tânia Cosentino. “A sustentabilidade, na Microsoft Brasil, é uma jornada baseada nos pilares de cultura, estratégias, reciclagem e governança. Apoiada nesses pontos, a empresa destina R\$ 1 bilhão para startups que trabalhem em soluções verdes, como, por exemplo, a remoção de carbono da atmosfera por meio da tecnologia”, contou. Tânia também falou sobre a ferramenta PrevisIA, que antecipa informações de regiões com maior risco de desmatamento e incêndios na Amazônia, por meio de Inteligência Artificial (IA).

Joaquim Levy destacou que a utilização de energias renováveis requer um investimento inicial grande, mas que, depois, praticamente não há custo operacional, diferindo do petróleo, que demanda diversos gastos, como por exemplo com transporte. Ele apontou o potencial brasileiro para se tornar exportador de hidrogênio verde e afirmou que existem estratégias viáveis para migrarmos cada vez mais para o uso de energia limpa.

A terceira programação discutiu **“O papel do setor empresarial na década da ciência oceânica”**, com os palestrantes Alexander Turra, professor titular do Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo, Carolina Santos Pecorari, diretora de Sustentabilidade e ESG SAZ da Ambev, Glauco Kimura de Freitas, oficial de projetos

de Ciências Naturais da UNESCO Brasil, Karen Silverwood-Cope, coordenadora geral de Oceano, Antártica e Geociências (SEPEF/MCTI), e Luísa Santiago, diretora executiva para a América Latina da Fundação Ellen MacArthur. O time foi moderado por Juliana Poncioni, diretora da Parley for the Oceans Brasil.

O painel se voltou para a saúde dos oceanos e destacou uma questão: no Brasil, a chamada Economia Azul já está gerando 19% do PIB; em contrapartida, mundialmente, mais de 80% dos oceanos permanecem inexplorados.

Glauco alertou que somente 19% dos oceanos já estão mapeados, enquanto o restante é desconhecido. E mais temerário ainda é que pesquisas realizadas mostram que apenas 2% de todos os orçamentos de ciência tecnologia são destinados ao estudo dos oceanos. “A Década da Ciência Oceânica vai cobrir um período de 2021 a 2030, no qual esperamos que pontos de estudos dos mares sejam corrigidos”, desejou ele.

O encontro seguinte debateu **“Recomendações da força-tarefa para divulgações financeiras relacionadas aos riscos climáticos”**.

Participaram Cesar Sanches, superintendente de Sustentabilidade da B3 - Bolsa, Brasil, Balcão, Denise Pavarina, consultora associada - Aggrego Consultores / vice chair - TCFD, e Maria Luiza de Oliveira Pinto e Paiva, vice-presidente executiva de Sustentabilidade da Vale. Carol Beghelli, gerente executiva do Banco do Brasil, foi a moderadora.

“É momento de implantar definitivamente essas mudanças”, alertou Denise Pavarina, que reforçou o apoio ao setor privado na implementação de uma gestão financeira e sustentável. A falta de um padrão de report definido e de informação sistêmica são os maiores desafios do grupo, segundo ela. Cesar Sanches trouxe questão semelhante, ele disse que investidores estão procurando cada vez mais por informações e oportunidades, além de usarem estratégias ESG. Também apontou que há mais de US\$ 35 trilhões em rotação de capital ESG, com mais de 30% disponível.

O quinto painel foi **“Call to action: produzir e preservar é possível”**, com palestras de Denise Hills, diretora Global de Sustentabilidade da Natura &Co; Fernando Sampaio, diretor

executivo da “Estratégia Produzir, Conservar, Incluir” do estado do Mato Grosso, e Gilberto Tomazoni, CEO Global da JBS. Andrea Vialli, jornalista e colaboradora do Valor Econômico/Folha de S. Paulo foi a moderadora.

Atualmente, muitas empresas já sabem que produzir e preservar não são verbos antagônicos. Boa parte já desenvolve soluções de negócios que partem da bioeconomia, com valor agregado e rastreabilidade dos produtos, inclusive, na Amazônia. Para que o Brasil avance no combate ao desmatamento e se enquadre como protagonista na aplicação das soluções baseadas na natureza, é preciso unir forças. “Precisamos mostrar que se consegue desenvolvimento econômico com floresta em pé”, disse Fernando Sampaio.

Com mais de 20 anos atuando na Amazônia, a Natura &Co tem muita experiência no assunto. De acordo com Denise Hills, compartilhar as jornadas e tornar públicas as metodologias é uma das formas de contribuir com esse mercado. Já no caso da JBS, a dica foi a necessidade de priorizar o cuidado com a rede de fornecedores. “A responsabilidade com a cadeia de valor é inquestionável. Desenvolvemos uma plataforma para monitorar fornecedores diretos e indiretos. Hoje, dos nossos 60 mil fornecedores, 11 mil estão bloqueados. Estamos implantando escritórios

verdes para dar apoio de compliance a esses fornecedores”, revelou Gilberto Tomazoni.

Encerrando o segundo dia do Sustentável 2021, o assunto foi “**ESG: Negócios regenerativos, inclusivos e resilientes**”, com apresentações de Eleni Gritzapis, diretora de Relações Institucionais na Dow, Marcos Matias, presidente da Schneider Electric Brasil, e Stéphane Engelhard, vice-presidente de Relações Institucionais do Carrefour. A mediação foi de Aylla Kipper, gerente de Relações Institucionais e Sustentabilidade na Lwart Soluções Ambientais.

Eleni mostrou como a Dow está produzindo silício metálico em uma área de floresta preservada em Breu Branco, na região sudeste do Pará. Em parceria com o Instituto Peabiru, a empresa está fortalecendo o manejo sustentável em toda a cadeia de produção do silício.

Aylla discorreu sobre como a Lwart se tornou líder na produção de óleo lubrificante usado, que utiliza a técnica de rerrefino. Já Stéphane Engelhard mostrou como o Carrefour trabalha a produção sustentável de alimentos se apoiando em cinco pilares: cadeias críticas, pesca sustentável, direitos humanos, plataforma para pequenos produtores e bem-estar animal.



30 DE SETEMBRO - QUINTA-FEIRA

Último dia: Governança Ambiental, Social e Corporativa (ESG) e compromisso empresarial da água se somam às pautas do evento

No painel “**Transformações dos Sistemas Alimentares**” os debatedores foram Celso Luiz Moretti, presidente da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), Geraldine Matchett, co-CEO e CFO da DSM, e Ricardo

Guimarães, CEO da BNP Paribas, contando com moderação de Alessandra Fajardo, diretora de Estratégia de Engajamento para Agricultura e Meio Ambiente para a América Latina da Bayer.

“Devido ao histórico de passar de importador para grande exportador de alimentos, o Brasil tem total condição de liderar mundialmente a revolução nos Sistemas Alimentares que tanto precisamos”, disse Geraldine Matchett.

Celso Luiz Moretti fez uma retrospectiva de quando entrou em vigor o Código Florestal Brasileiro, em 2012. Desde então muita coisa mudou e, hoje, o foco se concentra em manter o agronegócio competitivo e sustentável. “A Embrapa aposta em uma maior diversidade, aliada à agricultura regenerativa, com investimentos em fibras e bioenergia”, disse ele.

Geraldine citou como exemplo de Sistema Alimentares as pesquisas que mostram que é possível reduzir a quebra de ovos, que vai de 3 a 12%. Com inovações e ações simples, como aumentar a vitamina D na ração das galinhas, a redução de quebras pode ficar em 20%, segundo ela. Por fim, Ricardo Guimarães falou sobre os financiamentos bancários para o agronegócio, que já estão atrelados ao comprometimento com o desmatamento zero.

A segunda programação do dia abordou “**ESG – Negócios regenerativos, inclusivos e resilientes**”. No debate estiveram André Valente, head de Sustentabilidade da Raízen, Guilherme Karam, gerente de Economia da Biodiversidade na Fundação Grupo Boticário, e Luís Mosquera, vice-presidente, jurídico e relações governamentais da Siemens do Brasil, com a moderação a cargo de Cynthia Wolgjen, diretora de Comunicação Corporativa e Sustentabilidade da WestRock Brasil.

Guilherme Karam advertiu que empreendimentos que falham em medidas de inclusão em relação aos fatores sociais e ambientais não irão sobreviver no mercado. Já André Valente trouxe o exemplo dos parques de bioenergia da empresa, que redefiniram o conceito de sustentabilidade das energias renováveis, deixando as antigas usinas de cana-de-açúcar para efetivação dos parques. Ele alertou para um ponto que enfatiza: “renovável não quer dizer sustentável”.

O último painel do Sustentável 2021 trouxe o tema “**Compromisso empresarial da água – o**

que foi feito desde o World Water Forum 2018”, com os palestrantes Stela Goldenstein, country coordinator no World Bank Group, Teresa Vernaglia, CEO na BRK Ambiental Participações S.A., e Thais Gervásio, líder estratégica do Negócio Água da Ecolab para a América Latina. A moderação foi de Rosane Santos, diretora corporativa de Sustentabilidade na Iguá Saneamento S/A.

As três palestrantes concordaram que as ações para economia de água dependem de parcerias entre os setores público e privado. Trazendo a questão do saneamento básico, Teresa Vernaglia citou uma pesquisa do Instituto Trata Brasil, apontando que pessoas em condições de falta de saneamento têm notas 25% menores, quando comparadas às demais, no ENEM. Já Thais Gervásio alertou sobre ser necessária uma discussão coletiva para encontrar soluções para a falta de água, que é um problema de todos. “A escassez líquida é real”, advertiu.

No encerramento do Congresso Sustentável 2021 foram anunciadas as vencedoras do **4º Prêmio CEBDS de Liderança Feminina**. As premiadas da categoria “Empresas Associadas” foram Carla Crippa, da Ambev Brasil, e Vivian de Souza Gasperino, da Rumo Logística. Carla é a idealizadora e co-criadora da AMA, água mineral da Ambev que reverte 100% do lucro obtido com suas vendas a projetos de acesso a água potável no semiárido brasileiro. Vivian, por sua vez, provocou o aumento na contratação de mulheres dentro da Diretoria de Tecnologia, instigou a construção de espaço para amamentação na sede da empresa em Curitiba e foi mentora de mulheres que buscavam conciliar crescimento na carreira e maternidade. Já as empresas premiadas na categoria “Mulheres no Board” foram Santander Brasil e Tozzinifreire Advogados.

PATROCÍNIO MASTER



PATROCÍNIO OURO



PATROCÍNIO PRATA



Siemens Energy é uma marca licenciada pela Siemens AG.
Siemens Energy is a trademark licensed by Siemens AG.



REALIZAÇÃO

